

Vol. 14 - N. 28 | Jan./Jul. 2019 | ISSN 1808-883X

ADVÉRBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

TRATAMENTO DA NOTÍCIA NOS PROGRAMAS BALANÇO GERAL E TEMPO QUENTE: UM VAZIO CRIADO PELA ESPETACULARIZAÇÃO DOS FATOS

MICHELE **DAMAZIO DA COSTA**

ARTIGO 03

TRATAMENTO DA NOTÍCIA NOS PROGRAMAS BALANÇO GERAL E TEMPO QUENTE: UM VAZIO CRIADO PELA ESPETACULARIZAÇÃO DOS FATOS

Michele Damazio da COSTA¹

RESUMO

A informação é um bem público e a sociedade tem o direito a uma informação completa. A partir disso, torna-se redundante falar da importância que o jornalismo assume nesse contexto, considerando o que se entende como função jornalística e as técnicas preconizadas nos manuais da profissão. Na televisão, que se tornou um dos meios mais populares de propagação da informação, os programas policiais adquiriram formas já consagradas, sendo um segmento polêmico que teve seu auge nos anos 1980. Com audiência assegurada e espaços garantidos nos principais canais, possuem estrutura técnica e pessoal disponível. No entanto, eles deixam de protagonizar a cena da utilidade jornalística, recorrendo às práticas do sensacionalismo, aos discursos justiceiros de incitação à violência e ao preconceito. A forma de abordagem dos assuntos e os comentários dos apresentadores são alguns dos pontos escolhidos como tópicos desse trabalho, que analisa dois dos principais programas do gênero na região Oeste do Paraná: o Balanço Geral, da RICTV e Tempo Quente, da TV Tarobá (Band). A análise objetiva investigar se os programas estão realmente cumprindo seu papel de informar ou estão apenas explorando os acontecimentos policiais através da espetacularização. São pontos de importante reflexão aos comunicadores e à sociedade, no sentido de qualificar produção e consumo, resguardando a função social do jornalismo e trazendo à tona a importância da reflexão que os jornalistas precisam fazer sobre a sua prática profissional, enquanto que o telespectador, por sua vez, precisa aprender a discernir, com criticidade, os vários discursos disseminados nos programas de televisão.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Policial; Discurso; Poder; Sensacionalismo.

¹ Jornalista. E-mail: micheledamazio.costa@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com uma pesquisa divulgada pelo IBOPE em 2016, aproximadamente 89% da população tem o hábito de se manter informada sobre o que acontece no Brasil por meio da televisão. Os programas policiais são os segmentos com maior audiência, e são exibidos geralmente ao meio dia, no início e no final da tarde.

Apreensões, acidentes e assaltos são alguns dos assuntos abordados nesses programas. Os conteúdos são breves, não trazem muitas informações para a comunidade, funcionando apenas como registros de fatos ocorridos. Assim, para preencher o tempo, os apresentadores fazem uso da ironia, emitem juízos de valor, criam “piadinhas” e proferem discursos de violência, fazendo com que o programa se transforme num espetáculo sensacionalista ao vivo, quando deveria ser um espaço para a manifestação do jornalismo informativo.

Do ponto de vista jornalístico, considerando o que se preconiza nos manuais e livros técnicos, esses programas policiais deixam de prestar um importante papel para a sociedade na contribuição efetiva para a compreensão dos fatos e acontecimentos. Ou seja, ao espetacularizar os fatos, esse tipo de produto jornalístico deixa a informação em segundo plano, desviando-se do propósito para o qual existe a profissão, que é trabalhar em prol da coletividade, trazendo informações e conhecimentos sobre direitos e deveres, enfim, sendo um mediador entre os fatos e a sociedade.

Diante disso, essa discussão torna-se de suma importância para o jornalismo e a sociedade. Aos comunicadores, mostra-se necessária uma reflexão sobre como está o cenário atual do fazer jornalístico. O fato é que esses programas televisivos sensacionalistas, além de ocuparem horários privilegiados, também possuem duração de uma a duas horas. Assim a pergunta é: como tais programas têm utilizado esse tempo?

Em razão desse questionamento, a existência do debate é fundamental aos profissionais da área. Os espaços televisivos destinados aos programas informativos são de relevância e destaque e empoderam o jornalismo. Contudo, o poder utilizado indevidamente, torna-se abuso na medida em que permite a

circulação de informações incompletas ou insuficientes para a compreensão pública sobre temas relevantes para a vida em sociedade.

O conhecimento alavanca a evolução da sociedade, e informações repassadas com responsabilidade contribuem para que o telespectador faça uma leitura crítica daquilo que vê na televisão. As matérias exibidas passam por vários processos, desde a escolha da pauta até o que o apresentador deve dizer. Por isso a importância de repensar esses processos. Nada pode ser dito de forma aleatória e sem o comprometimento com um jornalismo responsável.

Para verificar o que está sendo noticiando e se o conteúdo de fato possui aprofundamento e relevância para o público, servindo assim aos propósitos do jornalismo, foi realizada uma análise do conteúdo dos programas Balanço Geral (RICTV) e Tempo Quente (TV Tarobá).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Jornalismo é a profissão que recolhe informações, analisa e relata de forma clara e objetiva os principais acontecimentos de relevância para a sociedade. Para o jornalista Clóvis Rossi (1998, p. 07), o jornalismo “é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra acrescida, no caso da televisão, de imagens”.

Na história da evolução da comunicação, a ideia do jornal surge a partir da necessidade de informação em razão da transformação que vinha acontecendo na sociedade e, ainda, devido a um maior interesse das pessoas pela cultura, desde obras literárias até os acontecimentos do dia a dia. Segundo Giovannini (1987, p. 146), “a quantidade e variedade das tentativas, cujo objetivo era afirmar solidamente a expressão do pensamento por meio da imprensa” tornam impossível afirmar a data exata da criação da ideia de jornal. Assim, é necessário voltar ao passado para encontrar as primeiras manifestações:

Na primeira metade do século XVI, já circulavam entre as sedes centrais e periféricas das grandes companhias comerciais, noticiários e boletins com informações de caráter político e econômico. No começo, tratava-se de manuscritos que somente por volta do final do século, foram

transformados em "livros de notícias" [...] Contudo, os livros de notícias não tardaram a transformar-se e a assumir uma ainda limitada variedade de conteúdo. O mais importante é que se pretendeu dar às folhas de notícias uma certa periodicidade quanto à sua publicação. Na prática, eram embriões de jornais que em Veneza e na França tomaram o nome de *Avisos* e *Gazetas*, enquanto na Inglaterra foram batizados de *News Papers* (GIOVANNINI, 1987, p.147).

No Brasil, a imprensa passa por duas fases no período regencial. A primeira é marcada pela criação dos primeiros jornais do país. Em 1º de junho de 1808, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça cria o Correio Braziliense, com o objetivo de mostrar ao povo as falhas do Governo de D. João. O jornal foi produzido por Hipólito em Londres, onde se encontrava exilado. Membros da Imprensa Régia realizavam a chamada censura prévia. Jornais contendo falas contra o governo, religião e bons costumes nem chegavam ao público. Isso só impulsionou a expansão dos meios alternativos de comunicação, como os pasquins - folhetos de uma página contendo opiniões críticas contra a monarquia. No mesmo ano, em 10 de setembro, o governo cria a Gazeta do Rio de Janeiro, com informações sobre a corte. Também se destacaram, nessa época, os comunicadores Frei Caneca, Cipriano Barata, Evaristo da Veiga, Gonçalves Ledo, José da Silva Lisboa, Januário Barbosa e Luiz Augusto May.

Ambos os jornais (oposicionista ou governista) possuíam uma linguagem violenta e agressiva, compreensível devido à instabilidade política da época e o processo de independência. Os jornais eram ideológicos, militantes e panfletários. Antes de informar, deixavam bem claro a posição, que era basicamente de opinião. Mais do que noticiar, também promoviam acontecimentos. De acordo com Ribeiro (2007, p. 06), "a imprensa foi fundamental na criação de um espaço público".

Com o fim da censura prévia em 1821, cresce o número de panfletos e pequenos jornais. Mas o impulso para a expansão da comunicação ocorreu no início do século XX, com o nascimento de empresas jornalísticas grandes e sofisticadas.

Nesse período, os jornais deixam de lado a produção artesanal e migram para o trabalho com equipamentos gráficos sofisticados. O jornalismo brasileiro foi adotando cada vez mais os modelos estrangeiros.

Os valores ideológicos e políticos permaneceram. Contudo, o discurso

passou a ser imparcial e voltado à divulgação de notícias e acontecimentos, ou seja, passou a ser mais informativo. Ressalta-se que, para definir qual assunto possui relevância para ser transformado em notícia, o jornalismo utiliza os Critérios de Noticiabilidade. De acordo com Traquina (2005, p. 62), muitos jornalistas definem notícia como: simplista, pois segundo a ideologia jornalística, “o jornalista relata, capta, reproduz ou retransmite o acontecimento, [...] o jornalista é um espelho que reflete a realidade”; minimalista, porque na ideologia dominante “o papel do jornalista como mediador é um papel reduzido”. O autor ainda fala sobre a conclusão geral dos estudos sobre os media noticiosos, em que há um “padrão” estável e previsível nas notícias. Isso devido aos Critérios de Noticiabilidade.

O acadêmico italiano Mauro Wolf foi quem demonstrou que os valores-notícia estão presentes em todo o processo de produção jornalística, e os divide em dois: valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção.

Valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos e estão divididos em dois subgrupos:

1. Critérios substantivos: avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia (morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, conflito ou controvérsia, infração e “escândalo”);
2. Critérios contextuais: contexto do processo de produção das notícias, e não as características do próprio acontecimento (WOLF, 1987⁴). Os critérios são: disponibilidade, equilíbrio, concorrência e o dia noticioso.

Os valores-notícia de construção referem-se aos critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento, dignos de serem incluídos na elaboração da notícia. Os valores-notícia são: simplificação, amplificação, relevância, personalização e dramatização.

Com a ampliação da cobertura jornalística, ganhava força a segmentação, ou seja, a divisão da informação por temas como esporte, moda e política, que são assuntos direcionados a públicos específicos.

O segmento televisivo policial no Brasil teve seu auge durante os anos 80.

Segundo Periago⁵ (2004), a maioria dos apresentadores desses programas veio da rádio, como por exemplo, Afanásio Jazadji, conhecido pelas opiniões fortes e o notável tratamento moralista que dava aos assuntos de segurança pública quando atuava como radialista da Rádio Globo, em São Paulo; Gil Gomes, lembrado pela forma única de divulgar os acontecimentos, sempre com uma narração detalhada e dramatizada dos fatos, características estas que consagraram sua carreira nacional na televisão como repórter no programa *Aqui Agora*, no SBT, em 1990. Em 1997, uma série de programas desse gênero foi criada por todas as emissoras na tentativa de conquistar o público, como *Na Rota do Crime* (Rede Manchete), *190 Urgente* e *Cadeia Alborghetti* (Rede Gazeta), *Tempo Quente* (Rede Bandeirantes), *Cidade Alerta* (Rede Record) e *Linha Direta* (Rede Globo).

Nesse momento foi consolidado um formato de programa televisivo que se tornou a principal característica do gênero. Em 1995, o *Cidade Alerta*, apresentado por Nei Gonçalves Dias, adotou com sucesso a estrutura utilizada pelo programa de rádio de Afanásio:

Uma reportagem é mostrada em três etapas: a primeira é a apresentação da reportagem no estúdio, logo em seguida, vem a reportagem externa e, para finalizar, volta para o apresentador disparar um comentário inflamado e repleto de exclamações ora para criticar ou ironizar determinada circunstância (PERIAGO, 2004, p.17).

Os programas policiais possuem três estruturas básicas:

1. *Sensacionalismo*, cujo objetivo é capturar a atenção do telespectador. Segundo Romão (2013, p. 42), são “notícias marcadas pelo exagero, ênfase e intensa qualificação dos ocorridos, com uma clara tentativa de estimular as sensações e emoções do público”. A utilização de músicas e efeitos sonoros seguidos por momentos lúdicos tem o único efeito de distrair o telespectador que, com o bombardeio de estímulos, acaba não refletindo sobre a qualidade e utilidade do conteúdo assistido;

2. *Construção da Credibilidade*, momento em que se explora a imagem e a autoridade dos programas, promovendo-se ainda a proximidade do telespectador através da viabilização de sua participação no programa. A linguagem utilizada pelos apresentadores é a coloquial, com a inserção de gírias e

palavrões em discursos justiceiros e defensores dos indefesos, cuja postura de autoridade complementa o quadro.

3. *Visão de mundo do Jornalismo Policial*, caracterizada pelo discurso que traz afirmações sobre a “realidade” de insegurança na sociedade e a solução: justiça, punição e agressividade. Agregados a isso, surgem os comentários exagerados e as reivindicações para a criação de leis mais rígidas e uma maior atenção das autoridades.

Esse formato que os programas policiais adquiriram no decorrer do tempo acaba interferindo nos propósitos do Jornalismo, de não apenas trazer informações sobre os acontecimentos do cotidiano mas, principalmente, de aprofundar os temas tratados e promover debates sobre assuntos relevantes para o interesse público. No livro *Discurso e Poder*, Van Dijk (2010) fala sobre o uso ilegítimo do Poder, que seria uma forma de abuso e para o qual o autor dá o nome de dominação.

O abuso de poder, então significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas. Na área do discurso de comunicação, isso pode significar o direito de ser bem ensinado e educado, de ser bem-informado etc. (VAN DIJK, 2010, p. 29).

Van Dijk (2010) define ainda o poder social como sendo uma forma de controle. O controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros. No caso da fala, o controle do discurso do outro. Essa é uma maneira inequívoca de se perceber a inter-relação entre discurso e poder:

[...] Pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, pra quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou uma empresa interessada na supressão da liberdade da escrita e da fala (tipicamente crítica). Ou ao contrário, elas têm que falar ou escrever como são mandadas a falar ou escrever (VAN DIJK, 2010, p. 18).

Como foi comentado, o uso enviesado do poder – quando o jornalismo policial escolhe o sensacionalismo ou a espetacularização dos fatos - descarta mais uma função essencial do jornalismo, qual seja, a de educar e ensinar a população. Melo (1998) aborda, em seu livro, a chamada pedagogia da comunicação, de Paulo Freire, que entende a comunicação como sendo algo fundamental no processo de

libertação (mente) da sociedade. Para ele, as pessoas apenas serão capazes de produzir cultura e se integrar na sociedade através do conhecimento. A falta da formação de uma opinião pública com identidade própria, aliada ao exíguo exercício da cidadania acarreta problemas ainda maiores. O resultado é uma sociedade escrava dos detentores do poder e mera reprodutora de opiniões formadas. Como afirma Paulo Freire em Melo (1998, p. 266) “a comunicação só se faz autenticamente com liberdade. Por sua vez, liberdade só se conquista pela comunicação”.

Muitas vezes, “tocados pelo medo da liberdade”, os homens evitam a comunicação. Preferem o gregarismo à convivência autêntica. Preferem a adaptação à comunhão criadora. O que é isso, se não a síndrome da opressão? É uma situação concreta de homens injustiçados, roubados, principalmente na sua palavra. O oprimido é quem não se comunica. É alguém que recebe comunicados. A opressão maior é talvez o seu silêncio, pois quando fala é para reproduzir a fala do seu opressor (MELO, 1998, p. 226).

3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Considerando a influência que a TV possui na formação da opinião pública e a intensidade e forma que se utiliza do discurso no gênero policial, foram selecionados dois programas veiculados nas redes televisivas do Oeste do Paraná que seguem esse segmento: o programa Balanço Geral (RICTV) e o Tempo Quente (TV Tarobá).

Uma Análise de Conteúdo foi realizada entre os dias 09 a 13 de abril de 2018 (segunda a sexta-feira), sendo que os critérios de avaliação tiveram como base o formato de cada matéria, o assunto abordado, os comentários do apresentador e o aprofundamento temático. O objetivo foi examinar se ambos os programas estão de fato aproveitando o espaço e tempo disponibilizados para trazer a informação, ou apenas estão promovendo um espetáculo ao vivo, tirando do telespectador o direito de receber conteúdo de excelência e informativos de qualidade. Isso é preocupante, pois quando o jornalismo não cumpre a sua obrigação primordial, além de desrespeitar o telespectador, incorre em abuso de poder e, com isso, ao invés de dar voz à sociedade, acaba exaltando os chamados

grupos dominantes - aqueles que detêm o poder econômico e/ou político -, fortalecendo ainda mais o silenciamento dos grupos minoritários.

Também foram observadas as manchetes de ambos os programas. O termo é utilizado no telejornalismo para referir-se às matérias mais importantes. Geralmente a manchete é o primeiro conteúdo anunciado no programa, funcionando como uma espécie de âncora para manter a audiência. Ela é apresentada no início, mas seu conteúdo costuma ser mostrado por último, como forma de manter a audiência até o final do programa.

O conteúdo a ser veiculado pode ser gravado ou apresentado ao vivo. Alguns programas não têm manchetes (é o caso do programa Tempo Quente). Porém, apesar de não possuírem uma estrutura formal de manchetes, os principais conteúdos podem ser facilmente percebidos durante o programa, pelo tempo maior dedicado a eles. Outra estratégia na televisão é a exibição da notícia principal por último ou próximo à passagem de bloco (intervalo). Esse método é utilizado para manter a atenção do telespectador, garantindo-se a audiência do programa.

3.1 BALANÇO GERAL

O Balanço Geral (BG) é um programa veiculado de segunda a sábado, do meio dia às 14 horas e 15 minutos, pela emissora RIC TV, afiliada da Record TV. Como o próprio nome já informa, Balanço Geral traz notícias de Toledo (onde se encontra a sede da RIC TV), de Cascavel e demais cidades da Região Oeste do Paraná. O programa tem esse nome, Balanço Geral, desde 2007. Anteriormente era conhecido por Na Hora do Almoço. A alteração foi efetuada em razão de uma padronização realizada pela Record TV em todas as afiliadas, já que o programa não é um produto local, mas nacional. Antes, o BG tinha apenas uma hora e meia de duração, embora começasse no mesmo horário. Com o passar dos anos, o tempo foi ampliado para 2 horas e 15 minutos, mantido atualmente. O primeiro apresentador do programa Balanço Geral foi o locutor de rádio Altair Santos, seguido por Amir Kalil, depois por Carlos Robert e mais tarde pelo atual apresentador, Nery de Mello, mais conhecido por Parangolé. No dia 7 de maio de

2018, Parangolé completou seis anos no Balanço Geral Oeste. Aos sábados, quando ocorre a edição de um programa especial, quem o apresenta é o repórter Vagner Krazt. Nesta edição especial, as matérias estão mais relacionadas com o campo do entretenimento, havendo a inserção, inclusive, de música ao vivo.

O programa é dividido em três blocos, e são utilizados os formatos: VT, Nota Coberta, Stand Up, Nota Pelada e Link (no período em que foi efetuada a análise, a média de participações ao vivo dos repórteres em cada programa foi de sete a nove vezes). São realizadas propagandas testemunhais¹² com divulgação de vídeo publicitário (VT). O programa também possui quadros mais descontraídos e com prestação de serviços à comunidade: *BG da fama* (exibição de fotos dos telespectadores); *Clubinho do Parangolé* (fotos dos aniversariantes do dia); *Fazendo a diferença* (atendendo aos pedidos do telespectador relacionados com problemas em calçadas, terrenos baldios, pedidos de emprego, tratamentos odontológicos, etc.); *BG na rede* (vídeos engraçados mais vistos na internet); *Cadê meu bicho* (divulgação de animais desaparecidos); *Previsão do Tempo* (link), e atualmente, foi retomada a *Ação vale-mercado* (os repórteres, ao vivo, se dirigem até um determinado local em Cascavel ou Toledo e através do programa chamam o telespectador para se deslocar até o local, onde são realizadas perguntas. Em caso de acerto, o participante ganha um vale-compras) e as *Chamadas de intervalo* (realizadas através de vídeos gravados pelo público, que manda abraços e chama o *break*).

O Balanço Geral sempre começa com as manchetes. No período analisado, foram mostradas de sete a nove manchetes por dia. As primeiras são matérias em formato de Nota Coberta e Reportagem. Em seguida, são anunciadas as matérias produzidas pelos repórteres do programa (VTs). As primeiras manchetes geralmente são exibidas no início do segundo bloco, após o quadro Cotações Agropecuárias, com informações do Departamento de Economia Rural (DERAL). Os demais destaques são chamados pelo apresentador na metade do bloco ou próximo ao intervalo comercial. Os assuntos abordados não são apenas policiais, entretanto, esse é o viés predominante. O apresentador chama a matéria e no término faz alguns comentários, trazendo informações e apontamentos para reflexão e discussão, embora, em determinados momentos, acabe expressando de

fato que o jornalista não consegue ser imparcial, contudo, deve ponderar as palavras utilizadas, porque o papel da profissão é apresentar a informação, ouvir todos os lados e deixar o receptor tirar as suas conclusões. Ao expressar de forma livre o que pensa, o apresentador ou repórter estará entregando ao telespectador um discurso pronto, privando-o da possibilidade de pensar por si mesmo.

No período de análise dos programas (09 a 13 de abril), o arquivo do dia 09 (segunda-feira) não foi encontrado pela emissora responsável (RIC TV).

Na terça-feira (10 de abril), a edição inicia-se com nove manchetes, e cinco delas são matérias produzidas pelos repórteres. No início do segundo bloco, foram exibidas três notícias destaque, em formato de Reportagem e Nota Coberta. Os assuntos tratados foram sobre um registro de apreensão e homicídio. Na metade do segundo bloco, mais uma notícia destaque é exibida. Um VT sobre roubos em escolas públicas e a falta de vigilância nestes locais. Após a exibição, o apresentador aparece com um chapéu de cangaceiro e faz o seguinte comentário:

PARANGOLÉ: "Isso é serviço de cabra safado! Chegamos ao limite óxente! Chegamos ao limite sim! Eu conto pra vocês, hein... primeiro você tem que orientar... escreveu não leu o pau comeu! Depois, só na bainha do facão mesmo, cara! (mostra um facão). Hein... chega desse negócio de ir lá e não sei o que, sabe a... a... assina papelzinho e não sei o que. É pancada cara! Eu não imagino que seja criança que esteja fazendo isso não. Se for criança, responsabiliza o pai, a mãe. Se é marmanjo, tira o coisa ruim do corpo na bainha do facão, que resolve poxa! Fica aqui cabra safado!"

Nesse discurso, os elementos que se destacam são a postura do apresentador e a ênfase por uma busca aparente por justiça. Importante salientar, primeiramente, que para o exercício do trabalho jornalístico, esses elementos são desnecessários. Aprofundando a questão, cabe o seguinte questionamento: qual informação relevante foi repassada, se não apenas a incitação à violência? Van Dijk (2010, p. 54) trata sobre os Níveis de Discurso e de Poder, trazendo a abordagem sobre a existência de uma segunda dimensão além da tipologia dos gêneros de discurso e contribuições para o controle social. "Ele representa os vários níveis de discurso que podem favorecer, manifestar, expressar, descrever, sinalizar, esconder ou legitimar as relações de poder entre os participantes do discurso ou entre os grupos aos quais pertencem". Assim, o comentário final de um apresentador, na prática sócio-histórica e cultural, pode produzir o efeito de relativização da

violência desmedida nas ações policiais oficiais. Ou seja, com o tempo, as pessoas começam a achar normal que a autoridade policial puna eventuais infratores, inclusive com violência física, mesmo sem um julgamento legítimo.

Outro comentário que segue a mesma linha do anterior é realizado nesta edição, durante uma matéria sobre a depredação de parques em Cascavel e a ação da Guarda Municipal. Contra o vandalismo na cidade, o apresentador diz:

PARANGOLÉ: "Ó, deixa eu falar uma coisa pro cês, é esse tipinho de gente que promove, tá, o vândalo, que quebra em casa, que não se sujeita a ficar em casa, que vai, a grande maioria deles, optar por morar na rua. E lá ele destrói pensando que ele está em casa. 'Cê' entendeu como que é?! Então assim gente, mais do que identificar esses canalhas, porque eles tem noção sim do que estão fazendo, era a gente ter uma Lei que pudesse possibilitar o policial, ao guarda, chegar e falar assim ó: 'Fez? Foi flagrado? Desce-lhe o porrete!'. Do alto da cabeça até na sola do pé. Quero ver, bicho. Quero ver se o cara vai fazer de novo. Mas, aqui no Brasil, independente se é ato de vandalismo, se é ladroagem e não sei, é tratado a pão de ló! Entendeu? Tanto é que a Lei chama, se viu, Lobisomem, os caras tratando lá o Supremo Tribunal Federal, o paciente. Nery do céu, paciente... aaa não, paremo gente!"

Um dos registros no programa foi um *Link* sobre a morte de uma mulher em decorrência de acidente de trabalho. O apresentador levanta algumas questões como: quantos trabalhadores já morreram? Quantos ainda vão morrer por falta de uso dos equipamentos e pela falta de fiscalização da própria empresa? Estes são questionamentos plausíveis, pois a função dos meios de comunicação é justamente trazer a informação, mas ao mesmo tempo, propiciar ao público o conhecimento e aprendizado sobre temas importantes. No livro *Justiça, Cidadania e Democracia*, Livianu (2006), fala sobre a importância do conhecimento e o consolidar da cidadania:

Pessoas bem informadas conhecem melhor sua condição, seus direitos. Assim, podem lutar para adquiri-los e também mantê-los. Quer sejam direitos civis (a igualdade perante a lei, as liberdades), quer políticos (participação das decisões sobre o destino da sociedade), quer sociais (participação na partilha da riqueza coletiva - educação, saúde, trabalho, etc.), direta ou indiretamente, precisam da boa mídia para se tornarem realidades concretas. (LIVIANU, 2006, p.175).

Um programa televisivo que apenas "lança" questionamentos no ar, sem explorar o tema, não contribui nessa construção de conhecimentos. Expõe, antes

de tudo, as perguntas que o jornalismo não procurou responder através do trabalho de pauta e apuração, fugindo aos deveres de um jornalismo pautado nos manuais da profissão.

Quarta-feira (11 de abril), o apresentador inicia o programa no *Switcher* e fala as manchetes, num total de oito nessa edição. Foi observado que duas notas cobertas e um VT tratavam sobre o mesmo assunto: acidentes e irregularidades no trânsito. Se ambas as notas fizessem parte de um único quadro, o tema poderia ser mais bem explorado, com informações sobre os índices de acidentes de trânsito, os cuidados na direção veicular, as medidas a serem adotadas em caso de infração e quais punições são previstas para cada caso.

Outra matéria veiculada discorreu sobre uma residência assaltada pela terceira vez em Cascavel, em que os assaltantes, além de praticar o roubo, também mataram o cachorro da família. O apresentador, com voz exaltada, faz um comentário de cinco minutos, dizendo frases como no trecho a seguir:

PARANGOLÉ: "Três vezes e provavelmente os mesmos chifrudos, viu, ladrões, vocês que mataram a cachorrinha, vocês tem chifre na cabeça. Sabia, seus guampudo!".

PARANGOLÉ: "Agora se a polícia der um tapa na raiz do ouvido dum vagabundo, dum assaltante desses, dum ladrão desses, é o policial que vai ter que arcar com a despesa! Arcar dinheiro pra pagar advogado! E a primeira pergunta que vão fazer pra um vagabundo desse se for preso é como é que ele foi tratado pela polícia, vocês sabem, alguém maltratou vocês? Quer dizer, essa pergunta aí tinha que fazer é pra vítima".

PARANGOLÉ: "Cê não merece viver, seu cafajeste vagabundo! Porque você não vai matar a cachorrinha do Madril (Policial) seu vagabundo! Pra você ver! Se amanhã ou depois já não tá fazendo hora extra! Canalha! Covarde!".

Nesses cinco minutos, o apresentador esbravejou e repudiou o acontecimento, mas todo o discurso tratou-se apenas de sua opinião sobre os fatos. Importante destacar que os comunicadores devem ter cautela no uso das palavras, porque elas transformam mentes e influenciam atitudes. Van Dijk (2010) fala sobre o "controle da mente" através do discurso:

Em geral, o controle da mente é indireto, uma intencional, mas apenas possível ou provável, consequência do discurso. E uma vez que as ações das pessoas são controladas por suas mentes (conhecimentos, atitudes, ideologias, normas, valores), o controle da mente também significa controle indireto da ação. Essa ação controlada pode de novo ser discursiva, de modo que o discurso poderoso possa, indiretamente, influenciar outros discursos que sejam compatíveis com o interesse

daqueles que detêm o poder. (...) Se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar (...) o primeiro passo para o controle do discurso é controlar seus contextos. (DJK, 2010, p.18).

Os discursos dos apresentadores de programas policiais sensacionalistas apenas instigam mais violência, ódio e intolerância. Isso significa concordar com roubos e crimes? Certamente que não. A pessoa que comete um crime e ultrapassa os direitos à liberdade e dignidade do outro, deve arcar com as consequências de suas ações, mas sempre de acordo com as previsões legais. A violência e os discursos de ódio apenas geram mais caos.

Na edição de quinta-feira (12 de abril), foram sete manchetes, das quais três eram matérias em formato VT produzidas pelos repórteres do programa, com assuntos sobre a retomada das obras do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o uso de chás e medicamentos fitoterápicos e os novos sistemas de vagas e parquímetros em Cascavel. O restante das matérias era em formato de Reportagem, Nota Coberta e Link. Quatro matérias traziam temas relacionados a registros de acidentes com carros, motocicletas e imprudência no trânsito. Em um Stand Up sobre grave acidente com motociclista em Cascavel, uma moradora, sem ser identificada, contou à equipe sobre o problema no semáforo. Retornando ao estúdio, o apresentador comenta sobre o assunto, chamando a atenção da Cettrans (empresa responsável pela fiscalização do trânsito em Cascavel) para o ocorrido, mas foi apenas um registro.

Sexta-feira (13 de abril), o apresentador inicia o programa falando sobre um vídeo que circulou na internet em relação às manifestações em Curitiba sobre prisão do ex- presidente Lula. Uma mulher pergunta a um dos manifestantes porque ele não estava prestando atenção ao discurso da senadora Gleisi Hoffmann (PT). Em resposta, a pessoa disse que não sabia quem ela (senadora) era e que ele estava lá porque recebeu dinheiro e comida. Essa foi uma abordagem arriscada por parte do jornalista, pois não havia confirmação da veracidade daquele conteúdo. Certos cuidados precisam ser adotados no jornalismo, lembrando aquilo que foi citado anteriormente sobre o conceito de "controle da mente", de Van Dijk (2010). "Discursos controlam mentes, mentes controlam ação", sem falar nas *Fake News* (notícias falsas) que atualmente circulam com frequência na internet.

Com nove manchetes, foram quatro VTs dos repórteres, que versaram sobre o aumento dos furtos de fios de cobre, a necessidade de reformas no teatro municipal de Cascavel e relacionamentos abusivos. Sobre este último assunto, no programa anterior foram apresentadas duas Notas Cobertas - apenas um registro sobre o tema - e na sexta, foi mostrado um VT lembrando o caso de uma universitária morta pelo ex-namorado, incluindo a necessidade de alteração na Lei Maria da Penha e uma entrevista com uma delegada, um psicólogo e a secretária de Políticas para Mulheres. Foi veiculada ainda a fala (ao vivo) do secretário de saúde da cidade de Toledo, em entrevista efetuada pelo repórter Vagner Krazt sobre o hospital regional, que ainda não estaria em funcionamento.

Mesmo que em alguns momentos o programa seja descontraído (quando o apresentador retorna do *break* com uma peruca e canta, manda beijos e piscadinhas ao telespectador ou faz brincadeiras com os repórteres e cinegrafistas), o Balanço Geral possui as principais características do Jornalismo Policial: a postura moralista e judiciosa. Comentários longos e que podem inclusive incitar a violência e a desobediência às leis ou decisões judiciais:

PARANGOLÉ: "Era a gente ter uma Lei, que pudesse possibilitar o policial ao guarda, chegar e falar assim ó: 'Fez? Foi flagrado? Desse-lhe o porrete!'. Do alto da cabeça até na sola do pé" (Terça-feira, 10.04.2018).

PARANGOLÉ: "Pegar um cabra desse safado, nem interessa quem quer que seja, destruindo aquilo que é nosso, o furo tem que ser mais embaixo".

Em 14 de setembro de 2016, foi lançada em Brasília a campanha e a plataforma "Mídias sem Violações de Direitos", desenvolvida pelo Intevozes Coletivo Brasil de Comunicação Social, em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo e a ANDI Comunicação e Direitos. Nesse espaço, a sociedade pode denunciar os programas policiaiscos. São seis tipos de violação: 1. Desrespeito à presunção de inocência; 2. Incitação ao crime, à violência e à desobediência às leis ou às decisões judiciais; 3. Exposição indevida de pessoas e famílias; Discurso de ódio e preconceito; 5. Identificação de adolescente em conflito com a lei e 6. Violação do direito ao silêncio, tortura psicológica e tratamento degradante. No *ranking* divulgado em 2015, o programa Balanço Geral e a RIC TV, em âmbito nacional, possuíam 100 denúncias.

Interessante notar que a maioria das notícias exibidas é relevante e de

interesse público. Como exemplo, pode-se citar a matéria sobre a reforma do Teatro Municipal de Cascavel (exibida na sexta-feira, 13 de abril), tendo sido informado que, por erro de planejamento, as cadeiras teriam que ser trocadas. Foram mostrados ainda os valores gastos até o momento e os custos da nova reforma. Outra notícia de importante interesse coletivo tratou sobre a instalação de novos parquímetros em Cascavel e a coleta de amostras das obras do PDI². Na quinta-feira, dia 12, duas matérias sobre violência contra a mulher e relacionamentos abusivos foram apresentadas. No dia seguinte, um VT foi produzido referente esse tema. Importante ressaltar que determinados assuntos abordados seriam mais proveitosos se trouxessem mais informações, como o Link de terça-feira (10 de abril) citado anteriormente, sobre a mulher que morreu em decorrência de acidente de trabalho, em Palotina. O programa poderia explorar, por exemplo, questões como: Qual a importância dos equipamentos de segurança? O que fazer se a empresa não fornece esses equipamentos? Quais são os direitos e deveres do trabalhador? Segundo dados divulgados no dia 5 de março de 2018 pelo Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho¹⁶, em 2017, o número de vítimas fatais em razão de acidentes de trabalho no Brasil demonstrou que ocorre uma morte a cada quatro horas e meia no país. No Paraná, o total é de 209 mortes - 25 a mais do que no ano de 2016 -, totalizando 184 mortes.

3.2 TEMPO QUENTE

O programa Tempo Quente é transmitido de segunda a sábado das 13 às 14 horas pela TV Tarobá, afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão. Passou a ser exibido na TV Tarobá em 1998, e durante esses 20 anos o programa teve apenas dois apresentadores: Carlos Moraes, que permaneceu até o ano 2000 e Oziel Luiz de Souza, mais conhecido por Batatinha, que continua na apresentação do programa, acompanhado em estúdio por Fidencio, personagem humorístico.

² PDI: Programa de Desenvolvimento Integrado, é financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID - com objetivo de melhorar o sistema viário (rodovias, ferrovias, etc.) e o transporte público, ampliação de ofertas de serviços sociais à população mais vulnerável, além de fortalecer a capacidade da gestão urbana e ambiental de Cascavel. A parceria iniciou em 2013. De acordo com o TCE-PR - Tribunal de Contas do Estado do Paraná – durante os cinco anos de execução do projeto, estima-se um custo total de US\$ 57,5 milhões (aproximadamente R\$ 181,125 milhões).

Segundo este apresentador, acrescentar humor ao programa foi uma ideia para torná-lo mais leve, já que o conteúdo e o gênero policial trazem forte carga dramática.

Dividido em dois blocos, o programa conta com Stand Up, Nota Coberta, VT, Sonora, Reportagem e algumas participações de figuras públicas e convidados que repassam informações sobre eventos. O Tempo Quente também tem uma edição especial aos sábados, com matérias voltadas para o entretenimento e destaque aos assuntos mais comentados durante a semana. A emissora também realiza transmissões ao vivo de toda a programação pelo *YouTube*, e dessa forma, o programa fica disponível na íntegra no Canal .

Durante o período de análise foram exibidas, por dia, de 10 a 14 matérias com notícias do cotidiano referentes a roubos, acidentes, apreensões. Assuntos voltados para eventos da comunidade (por exemplo, a matéria mostrada na segunda-feira sobre apresentação de um musical na 27ª Igreja Quadrangular em Cascavel), também são divulgados, bem como são transmitidos os pedidos de telespectadores (doação de alimentos, pessoas desaparecidas, perda de documentos pessoais, etc.). O restante da programação é composta pela divulgação de patrocinadores (em cada programa observado, os números variam de 8 a 11 propagandas testemunhais), com um breve comentário feito ao vivo pelo apresentador sobre a empresa, seguido da exibição do vídeo publicitário (VT).

Na segunda-feira (09 e abril), foram exibidas 12 matérias. Destas, cinco traziam temas que poderiam ser mais informativos e ter um maior aprofundamento. Os assuntos eram:

1. Mulher esfaqueia marido durante agressão;
2. Helicóptero do Consamu vai até Nova Aurora;
3. Taxista fica em estado grave ao bater contra carreta (o carro estava com irregularidades);
4. Homem agride esposa grávida;
5. Bebê e criança ficam feridos em capotamento (não usavam a cadeirinha).

As notícias citadas acima são assuntos importantes, mas que não foram devidamente abordados, pois faltam informações e, ainda, foram divulgadas separadamente e sem a devida seriedade e atenção. A primeira notícia - sobre a mulher que esfaqueou o marido - teve a duração total de 3 minutos e 7 segundos. A matéria inicia com a Cabeça²², seguida por mais detalhes sobre o assunto, na voz do repórter. Antes de apresentar as informações na chamada da matéria, o apresentador Osiel Luiz, junto com Fidencio, faz o seguinte comentário:

BATATINHA: "A mulher, Fidencio, ó lá, mulher esfaqueia aqui home... ela esfaqueou o marido".

FIDENCIO: "Iiii, minhas arma sô".

BATATINHA: "Aaaa baxô o espírito da Maria bonita na muié lá home"

FIDENCIO: "Aiü... discambô na pexera meu filho".

No formato Stand Up, o repórter traz mais informações sobre o caso. Enquanto fala, algumas imagens do ocorrido são mostradas. Em seguida, é exibida uma entrevista com a mulher na delegacia, com duração de 1 minuto e 41 segundos, e durante esse período, a única informação reforçada é que a faca foi usada para a defesa da mulher e que aquela não seria a primeira vez que o homem agredira a esposa:

REPÓRTER: "Como que aconteceu lá, ele te agredia sempre, foi...".
ENTREVISTADA: "Sempre! Não é a primeira vez, ta aí minha mãe que não me deixa menti. Daí eu tava separada dele, minhas coisas tavam tudo na minha mãe, daí ele falou que ia mudar, que não ia beber, não ia me agredir mais, e daí hoje ele chegou e me agrediu daí eu só me defendi hoje porque ele chegou e grudou no meu pescoço, jogou um negócio de abacaxi no meu rosto, daí ele tentou me bater, daí a única coisa que eu encontrei foi uma faca pra me defender, porque não é a primeira vez que ele faz isso".

REPÓRTER: "Não é a primeira vez?".

ENTREVISTADA: "Não".

REPÓRTER: "Ele tava alcoolizado?".

ENTREVISTADA: "Tava".

REPÓRTER: "Ai pra você se defender você teve que pegar a faca e...".

ENTREVISTADA: "Tive que pegar a faca e me defender dele. Só que não é a primeira vez não. Já tenho cicatriz no meu rosto, já tenho meu dente quebrado e..." (o repórter interrompe).

REPÓRTER: "E você já vinha aguentando muitas vezes já".

ENTREVISTADA: "Já vinha aguentando muitas vezes, não é a primeira vez não..." (o repórter interrompe).

REPÓRTER: "O que ele fala? ele fala que vai melh... que não vai fazer mais...".
ENTREVISTADA: "Ele... não, ele fala não vou sai bebe mais, eu vou cuidar de você porque eu gosto de você, que eu sou tudo pra ele, que ele me ama e que não vai mais faze, e quando ele pensa que não, ele começa

de novo".

REPÓRTER: "Hum... e... quanto tempo vocês são casados?"

ENTREVISTADA: "Dois anos".

REPÓRTER: "Aaa vivem junto, mas não é... mas tem filho com ele?"

ENTREVISTADA: "Não, tenho o meu filho".

REPÓRTER: "E agora você vai deixar ele? ou vai...".

ENTREVISTADA: "Quero viver minha vida. Eu tenho um filho, tenho que pensar mais nele".

REPÓRTER: "Ele agredia teu filho também? mas não é com ele o filho?"

ENTREVISTADA: "Não, uma vez que ele deu um tapa na cara do meu filho. Tudo isso eu aguentei por gostar dele, querer ficar com ele e hoje eu tô aqui".

O repórter também induz as respostas, indicando uma possível: "Aí pra você se defender você teve que pegar a faca e..." a mulher diz: "Tive que pegar a faca e me defender dele". Percebe-se também a repetição da fala do repórter:

REPÓRTER: "E você já vinha aguentando muitas vezes já".

ENTREVISTADA: "Já vinha aguentando muitas vezes, não é a primeira vez não..." (o repórter interrompe).

Ao término da matéria, o apresentador Osiel Luiz reforça as informações do ocorrido e volta a repetir o comentário inicial, novamente acompanhado por Fidencio:

BATATINHA: "(...) Êeeta que baxô o espírito da Maria bonita na muié lá home". *FIDENCIO*: "Vai faze o que né, vai lá sabe o que tá se sucedendo hein! Em briga de marido e mulher não se mete a colher. Nesse caso aí a cumade meteu foi a faca memo né". (risada do apresentador)

BATATINHA: "Êee meu filho, tem jeito não em".

A matéria deixa evidente a falta de informação acompanhada de frases inadequadas. É o mesmo caso da segunda matéria citada acima. Com duração de 2 minutos e 28 segundos, nessa matéria em formato de Nota Coberta, uma mulher grávida é agredida pelo marido e, quando os vizinhos chamam a Polícia, a sogra da moça tenta impedir os Policiais de prenderem o agressor (filho dela). Em estúdio, Fidencio chama o agressor de "nenê":

FIDENCIO: "Não vai levar o nenê não. O nenê tá mamando agora, o nenezinho".

FIDENCIO: "Mas que sogra em. Por isso que eu falo, sogra é cobra".

O jornalismo também tem o papel de educar a sociedade. Segundo Livianu (2006), a mídia pode formar ou deformar e, segundo o entendimento do filósofo e

sociólogo alemão citado em Livianu (2006, p. 125), Jurgen Habermas, "A mídia tem papel vital na formação da opinião pública. E a formação sadia da opinião pública tem relação direta com a consolidação da cidadania". Nas duas últimas transcrições da fala do apresentador, referidas acima, além de deixar passar a oportunidade de discussão sobre o tema, foram reforçados pensamentos populares de que "não se mete a colher em briga de casais". Brincadeiras e frases dessa natureza apenas reforçam e impulsionam o preconceito e a indiferença da sociedade. Não discutir e conservar a sociedade na zona de conforto do senso comum é conveniente para manter a distribuição desigual de poder (RESENDE, 2006, p. 22). Essa forma de exploração da notícia pelos programas policiais deixa de ser jornalismo e passa a ser espetáculo que explora a situação ou fato apresentado, que acaba se transformando em motivo para brincadeiras, quando deveria servir ao propósito de formar a cidadania e a opinião crítica. O programa não deu a devida atenção para as duas matérias que tratavam sobre o mesmo assunto - a violência doméstica. Um trabalho mais aprofundado poderia ser realizado com a junção das mesmas, incluindo-se entrevistas com especialistas na área de defesa da mulher, com orientações sobre o que fazer em caso de violência doméstica.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 10 países, entre 10% e 52% das mulheres já sofreram agressões físicas do marido em algum momento da vida. No Brasil, a estimativa é que "cinco mulheres são espancadas a cada dois minutos" (FPA/SESC, 2010). Além de apresentar essas informações, seria necessário que os programas orientassem as mulheres que são vítimas da violência, sobre como proceder em caso de agressão, a quem recorrer e quais leis garantem a proteção da mulher. Tais informações são de grande relevância, pois infelizmente, ainda não são de conhecimento de toda a sociedade, uma vez que os veículos de comunicação que possuem condições para produzir esse material não o fazem, ignorando assim a missão do jornalismo.

O restante dos conteúdos divulgados foram apenas registros respondendo quatro das seis perguntas do Lead: O que? Quem? Quando? Onde? Na matéria sobre o helicóptero do Consamu, foi divulgado um áudio enviado por um espectador, falando sobre o helicóptero que esteve na cidade de Nova Aurora na segunda-feira pela manhã, para levar um idoso com AVC (Acidente Vascular

Cerebral) até o Hospital Universitário de Cascavel.

Coberto por imagens no local da notícia, o áudio traz as seguintes informações: idade; o que o paciente tem; a chegada e saída de Nova Aurora; para onde o Consamu estava levando o idoso. Encerrada a Nota, o apresentador, ao vivo, sugere à produtora do programa a realização de uma reportagem mostrando esse serviço realizado pelo Consamu, com mais explicações. Pode-se perceber mais um ponto a ser melhorado: se o jornalista não tem a informação, então não pode divulgá-la. Conforme o Art. 2º do Código de Ética do Jornalista:

I - DO DIREITO À INFORMAÇÃO

Art.2º - A divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de comunicação pública, independente da natureza de sua propriedade.

II - DA CONDUTA PROFISSIONAL DO JORNALISTA

Art.9º - É dever do jornalista:

a) divulgar todos os fatos que sejam de interesse público;

Assim, a matéria sobre o transporte do idoso já deveria conter todas as informações sobre como funciona esse serviço do Consamu, ou seja, o que é necessário para utilizá-lo, desde quando está disponível, quantas pessoas já foram salvas por meio dele e quanto custa à população. É dever do jornalista trazer as orientações necessárias aos cidadãos.

Na edição de terça-feira (10 de abril), das 11 matérias exibidas, duas foram sobre registros de acidentes no trânsito; uma Nota Coberta sobre palestra contra os vícios por uso de álcool e cigarro; um VT sobre a apreensão de quase R\$ 400 milhões em cocaína; um Stand Up, com o repórter, sobre um caminhão que atingiu uma residência; o pedido de um telespectador para doação de sangue e uma Nota Retorno sobre um homem que estava desaparecido - divulgado na segunda-feira - e que foi encontrado.

Quarta-feira (11 de abril), do total de 10 matérias, três trouxeram mais informações, contudo, não o suficiente para educar e ensinar a sociedade. Por exemplo, a Nota Coberta sobre um acidente que deixou um motociclista ferido. Uma moradora do bairro Canadá que conta sobre os problemas na rua, a falta de iluminação e uma ponte não concluída na região do Novo Milênio, em Cascavel. Após, a matéria mostra que a produção do programa entrou em contato com o prefeito, que afirmou que de fato as obras estão atrasadas e que vai resolver isso logo.

Motorista preso alcoolizado foi o assunto destaque nessa edição. De acordo com a matéria, o bafômetro registrou 1,50 miligramas de álcool por litro de ar expelido (na Lei Seca²⁵ o limite é a concentração igual ou superior a seis decigramas de álcool por litro de sangue ou igual ou superior a 0,3 miligramas de álcool por litro de ar alveolar). A matéria foi dividida em duas partes: uma Nota Coberta realizada pelo apresentador e uma Sonora do motorista. Porém, os comentários em estúdio deixam transparecer que o tópico não estava sendo levado a sério.

Outro assunto que poderia ter sido mais explorado - e com mais respeito - foi a agressão sofrida por um travesti. O apresentador diz as seguintes frases:

BATATINHA: "Cada um chora por onde tem saudade".

BATATINHA: "Rapaz afeminado".

BATATINHA: "Não temos nada contra, mas também não temos nada a favor". *BATATINHA:* "Vou manda um abraço pra todos os traveco, pros travesti que tão me assistindo, porque essa moçada também responde no IBOPE, também dá audiência e também compra do comércio, então, pra toda viadada, inclusive aqui na TV tem uma meia dúzia, de um tempo pra cá nunca vi tê tanto viado aqui".

FIDENCIO: "Ainda bem que eu vendi minha espingarda de mata viado, rapaz, se não todo dia eu tinha caça".

Nesse diálogo, claramente se pode observar um discurso de ódio, preconceito e incitação à violência.

A edição de quinta-feira (12 de abril) contou com duas participações em estúdio. A Guarda Municipal foi até o programa falar sobre a inauguração da nova sede e entrega de armamento. Já a segunda participação divulgou dados sobre os cuidados com o diabetes. Ao falar sobre o acidente em que um motociclista quase teve a perna amputada, o apresentador trouxe a informação de que 518 acidentes com motocicletas foram registrados em 100 dias. Segundo ele, o programa iria preparar uma reportagem mais detalhada sobre o assunto, trazendo para a pauta os perigos e cuidados que o motorista deve ter no trânsito. Outras seis notícias divulgadas – que foram apenas registros – abordaram temas como roubo, apreensão e operação policial.

Mais uma vez o telespectador depara-se com a informação incompleta, mas que mesmo assim é anunciada no programa. O apresentador falar sobre a elaboração da futura matéria sobre um assunto é admitir ao vivo que o conteúdo

não está completo, sendo assim, voltamos para o artigo segundo do Código de Ética do Jornalista, que trata do Direito à Informação: “É dever do jornalista a divulgação correta e precisa da informação”.

Sexta-feira (13 de abril) foram veiculadas 12 notícias, dentre elas: sete registros de roubos, apreensões e acidentes; quatro sobre a ação do programa Tempo Quente, Casa Solidária; uma matéria sobre grave acidente na BR-369, que foi dividida em duas partes - Nota Coberta (informações ditas pelo apresentador) e Stand UP (o repórter no local trazendo mais informações e entrevistas com os envolvidos no acidente).

Das 56 matérias exibidas durante toda a semana, apenas cinco apresentaram mais informações, no entanto, sem a profundidade necessária, transformando-se em promessas de futuras matérias completas. Além disso, a maioria dos comentários expressava implicitamente um discurso ideológico. Van Dijk (1992, p. 56) aborda sobre a Antítese Retórica. Segundo ele, este contraste semântico “opera para tornar mais efetiva (e por isso mais justificável) a opinião negativa sobre o outro”.

Da mesma maneira, as pessoas, em seu turno conversacional, estabelecem um grande número de conexões semânticas estratégicas entre sentenças ou trocas de turnos, ou entre proposições subjacentes. Eles usam contradições aparentes (Eu não os odeio, mas...), deslocamentos (eu não me preocupo muito, mas as outras pessoas na rua sim), atribuição (como em), as quais ilustram as tão conhecidas estratégias de “acusar a vítima”, “negar pressuposições ou implicações” [...] Relações semânticas entre sentenças podem ser usadas estrategicamente, a fim de transmitir significados precisos ou evitar interferências erradas por parte do ouvinte, e estas estratégias são parte de estratégias mais gerais da conversação e da interação (DIJK, 1992, p. 57).

Isso nos remete ao comentário efetuado na matéria exibida na quarta-feira, dia 11 de abril, sobre a agressão sofrida pelo travesti. Este é mais um exemplo do abuso cometido pelo apresentador na utilização do espaço que lhe é disponibilizado. Por isso, o profissional deve sempre refletir sobre o próprio fazer jornalístico: de que forma o conteúdo a ser divulgado contribuirá na construção da cidadania e na formação da opinião crítica da sociedade? Há tempo para tudo, e isso inclui os momentos mais descontraídos. Mas fazer brincadeiras na hora errada pode comprometer o foco do telespectador em relação aos fatos noticiados. E

sobre alguns temas, como os que dizem respeito à violação de direitos, não cabe brincadeiras.

Músicas seculares e efeitos sonoros são outros dois elementos inclusos no programa. Em específico na matéria sobre a agressão ao travesti, foi colocado um áudio em que um indivíduo fala sobre o público LGBT e uma música de Pablo Vittar (cantor *drag queen* brasileiro), tornando o clima mais “brincalhão”. Com isso, um tempo precioso foi desperdiçado, e o mais agravante: a necessária atenção ao assunto, considerando sua gravidade, foi dispersa. O apresentador poderia, por exemplo, ter promovido uma discussão sobre a violência contra a comunidade LGBT.

Em janeiro deste ano, a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) em parceria com o IBTE (Instituto Brasileiro de Transformação pela Educação), entregou à ONU (Organização das Nações Unidas) o relatório final dos Assassinatos de Travestis e Transexuais Brasileiras, efetuado em 2017. De acordo com os dados, “ocorreu o assassinato de 179 pessoas trans, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens trans”. Destes, foram encontradas notícias de que apenas 18 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 10% dos casos (ANTRA, 2018, p.14).

Não precisamos ir muito longe para comprovar estes dados, pois o agressor do travesti – personagem da matéria do dia 11 de abril - não foi localizado. O fato ocorreu no Bairro Pioneiros Catarinense, em Cascavel – PR. A vítima teve uma contusão na cabeça e dois dentes quebrados. A violência foi tanta que ele ficou inconsciente. No Ranking de Assassinatos por Estado, proporcional à população, o Paraná encontra-se no 15º lugar, junto ao Distrito Federal, com aproximadamente 0,67 milhão.

Outra informação relevante divulgada no relatório da ANTRA é a liderança do Brasil no Ranking Mundial de Assassinatos de Travestis e Transexuais, com 52% das mortes. Em uma pesquisa revelada pela ONG *Internacional Transgender Europe* (TGEU), a cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada no Brasil (ANTRA, 2018, p. 16). Tudo isso só aponta para outro problema em nossa sociedade: o preconceito. Segundo a Constituição Federal, Capítulo I. I – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos:

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...].

Não respeitar o indivíduo, independente de cor, raça, religião, orientação sexual, é descumprir a Constituição do país, ou seja, é crime. Imaginemos uma discussão assim, com informações devidamente apuradas em uma TV aberta. Segundo o site oficial da TV digital brasileira (DTV), a TV aberta analógica é o principal meio de comunicação, atingindo 95% da população brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o trabalho de verificação e análise, cujo objetivo era a tentativa de compreender se o conteúdo divulgado nos programas Balanço Geral (RICTV) e Tempo Quente (TV Tarobá) estão realmente trazendo a informação, conclui-se que ambos os programas necessitam rever e mudar algumas atitudes que comprometem a finalidade da comunicação, quando se considera o ideal para a prática profissional que está descrito nos manuais profissionais e nos tratados acadêmicos sobre a práxis jornalística.

Em relação às pautas, percebeu-se, no período analisado, que há uma relevância nos assuntos selecionados e nas escolhas que condizem com os Critérios de Noticiabilidade.

O Balanço Geral teve um olhar mais cuidadoso em alguns aspectos, com a elaboração de matérias contendo informações explicadas de forma clara, que facilitam a compreensão. Contudo, a cautela não é a mesma em relação aos comentários do apresentador. Evidentemente, não se pode desconsiderar as características intrínsecas do gênero policial, mas parece-nos inegável que tais hábitos não têm contribuído de forma positiva. Ao assistir aos programas, o telespectador recebe estímulos que reforçam o ódio, o descontentamento e a sede por justiça, inerentes ao ser humano. A forma abordada e o discurso utilizado despertam a inquietação de forma errônea nas pessoas, uma vez que a solução apresentada é a violência. É fundamental que a sociedade compreenda seus

direitos e deveres, bem como entenda a importância da educação e do conhecimento, para que não seja mais uma reprodutora de discursos prontos, mas que possa emitir opiniões críticas sobre as informações às quais está sendo exposta continuamente. De fato, Paulo Freire tem razão ao afirmar que a comunicação torna-se fundamental nesse processo de liberdade (mente). Assim, se a prática jornalística atual não for alterada, de nada adianta uma reportagem bem feita se o discurso pronunciado em estúdio apenas mantém o espectador no estado atual de cegueira.

No programa Tempo Quente, constatou-se algo grave. Além de parte do material tratar-se apenas de registros, os comentários do apresentador e do personagem humorístico Fidencio são frequentemente preconceituosos, com incitações à violência e repletos de brincadeiras inconvenientes. Um programa que dispõe de uma hora (ao vivo) tem tempo suficiente para trazer matérias aprofundadas e debates esclarecedores. É preocupante o que o público está recebendo. A violência, o desrespeito e o preconceito não devem ser considerados comportamentos normais. São crimes e ferem a dignidade do outro. Mas como ter uma sociedade melhor se os próprios jornalistas fortalecem tais comportamentos?

Rotina e falta de tempo não devem ser desculpas aceitáveis para não reavaliar o fazer jornalístico. Sem esse repensar diário sobre a prática profissional, os comunicadores estão fadados ao trabalho jornalístico pautado apenas na audiência, deixando de atentar para o fato de que o jornalismo é feito para o "outro", e esquecendo-se disso, passam a agir apenas como uma espécie de correia de transmissão, que favorece um *status quo* em que o poder é desigual, negado a uma grande parcela da população.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Alberto. **Ética e códigos da comunicação social**. 4ª edição - Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

BRASIL. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018. 121p. Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>

DIJK, Teun Adrianus Van. **Cognição, discurso e interação** (org. e apresentação de Ingedore V. Koch). São Paulo: Contexto, 1992.

_____, Teun Adrianus Van. **Discurso e Poder**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010. GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LIVIANU, Roberto. **Justiça, cidadania e democracia**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ministério Público Democrático, 2006.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, G. A. P. **A imprensa da independência e do primeiro reinado**: engajamento e mercado. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 de maio a 2 de junho de 2007.

ROMÃO, M. M. D. **Jornalismo Policial**: indústria cultural e violência. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 206f. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. P. 207- 12. P.3, P.4.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.